

“Desenlatando” o regional¹

Bia INDIANO²

Fernando de Paula LIMA³

Igor José Siquieri SAVENHAGO⁴

José Augusto Nascimento REIS⁵

Universidade de Franca, Franca, SP

RESUMO

Visando explorar novas possibilidades de estudo para o jornalismo regional, primeiro é preciso buscar a definição e o que o diferencia de outras modalidades de jornalismo. E a partir disso vislumbrá-lo sob duas ópticas: do jornalismo de proximidade e da comunicação enlatada. Neste trabalho, a análise é feita a partir de construções imagéticas. Para isso, foram percorridos mais de 2.500 km pelo interior de São Paulo e Minas Gerais em busca do “nosso” regional. Para além das manchetes, o paradoxal interior, “atrasado” e protecionista, se revela polo de agricultura e turismo, retrato arquitetônico do Brasil. A união harmônica da cidade com a natureza oferece histórias por trás da paisagem. E a fotografia se consolida como ferramenta para unir texto e contexto. Assim, por meio deste ensaio de luz e sombra, é possível desenlatar o regional e mostrar suas potencialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo regional; jornalismo de proximidade; comunicação enlatada; ensaio fotográfico; fotografia artística.

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio fotográfico visa explorar novas possibilidades para o incipiente estudo sobre jornalismo regional. Optou-se por analisar, primeiramente, sua definição, características e o que o diferencia de outras modalidades de jornalismo. E, a partir destas premissas, vislumbrá-lo sob duas ópticas distintas: a do jornalismo de proximidade e a da comunicação enlatada.

A primeira problemática referente ao jornalismo regional é a dificuldade de conceitualização. Camponez (2002) acredita que “o território revela-se (...) insuficiente para, por si só, (...) para explicar a imprensa regional e local” (p. 128). Teun van Dijk (1996 apud CAMPONEZ, 2002) complementa esse pensamento afirmando que “o regional também compreende questões ideológicas e identificações psicoativas” (p. 116). Os veículos comunicacionais precisam identificar essas questões para fazer um jornalismo propriamente regional, e “em um primeiro momento (...) se apresenta mais por seu lado

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio Fotográfico Artístico.

² Aluna líder. Estudante, em 2015, do 8º semestre do Curso de Jornalismo, email: bi.indiano@gmail.com

³ Estudante, em 2015, do 8º semestre do Curso de Jornalismo, email: reporterfernandolima@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: igor.savenhago@unifran.edu.br

⁵ Co-orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: jose.reis@unifran.edu.br

mercadológico do que pela sua produção de conteúdo regionalizado” (PERUZZO, 2005, p. 71).

Essa visão mercadológica se aproxima das práticas “enlatadas” criticadas no século XX pela Escola de Frankfurt, que via crescer a alienação e irracionalidade na sociedade capitalista em desenvolvimento. Adorno e Horkheimer (1985) observaram como a industrialização produzia alterações no trabalho e no modo de produção. Tudo passava a ser submetido ao ritmo da máquina. Os ideais iluministas eram rapidamente suplantados pela racionalidade positiva.

O homem passa, segundo o pensamento deles, por um processo de “coisificação”, se alienando de seu trabalho, do produto de seu trabalho e, finalmente, de sua própria identidade. Neste cenário, as manifestações culturais também se “coisificas”. Passam a ser mercadorias da indústria, feitas em série. Todos os produtos da Indústria Cultural são produzidos de acordo com as normas capitalistas de padronização, já estabelecidas para atender necessidades e gostos de um público “médio”, homogeneizado, visto como “massa” uniforme.

O termo comunicação enlatada proposta por Albert Kientz (1973) se apropria dos postulados levantados pela Escola de Frankfurt fazendo uma relação entre os alimentos enlatados, produzidos em série, com os produtos fabricados pela Indústria Cultural. Sua hipótese afirma que esses enlatados são pobres de conteúdo, padronizam os gostos e os comportamentos a serviço da manutenção e reprodução do sistema capitalista. São então dispostos para consumo para serem absorvidos (quase) sem questionamentos.

É possível transpor a ideia de comunicação enlatada para o jornalismo regional, vendo-o como um produto industrializado, feito sob “a medida” do jornalismo “da capital”. Peruzzo confirma essa tendência, afirmando que a mídia local tende a reproduzir a grande imprensa “ao imitar o estilo de tratamento da informação ou dedicar amplos espaços para notícias nacionais e internacionais, às vezes exigência das matrizes, como no caso das redes de televisão” (2005, p. 82).

E para a autora, ainda no universo da televisão, existem alguns entraves que prejudicam a expressividade do local (2005, p. 71): a “imposição” de um enquadramento, de um padrão nacional que limita a estrutura regional; e o limite de tempo imposto pelas redes, como os horários de inserção do local (de menor audiência). Isso corrobora para que o regional seja visto como um apêndice do nacional, um quadro – isso tanto nos programas nacionais, como nos programas regionais.

Por outro lado, têm-se autores que estudam as possibilidades do jornalismo regional em sua especificidade, por exemplo Isabelle Anchieta de Mello, que em seu texto “Um jornalismo de proximidade” (2007) levanta as seguintes questões: quais as singularidades do jornalismo produzido no interior? E o quais suas diferenças?

Ela afirma que o termo “jornalismo de proximidade” diz respeito à característica mais marcante desse tipo de jornalismo – a proximidade do jornalista com os eventos e com os personagens que descreve –; o que ocasiona vantagens e desvantagens. Existe uma maior participação do público pelo conhecimento dos fatos que são noticiados e das fontes, proximidade com o assunto e com o local onde ocorreram, o que os torna mais “críticos, participativos e exigentes quanto à representação de mundo dada pelo jornal” (MELLO, 2007, p. 13). O jornalista também tem outra relação com a notícia, já que se identifica com a história, a cultura, conhece os fatos e personagens. Assim, não consegue afastar-se completamente desta relação, um exemplo das questões ideológicas e psicoativas que Teun van Dijk comenta.

Mas esse jornalismo também está imbuído de possibilidades, de explorar os cotidianos e a dinâmica social, política e econômica própria da cidade. Cumprir o papel de intervir e realizar um serviço público, ao mesmo tempo em que funciona como um elo que agrega a sociedade, diz quem ela é: sua cultura, seu povo, suas artes e, claro, seus conflitos, preconceitos e valores (MELLO, 2007).

Todas essas problemáticas podem ser observadas na intencionalidade das escolhas das imagens a serem divulgadas nos veículos midiáticos, representadas pela dualidade “proximidade *versus* enlatado”. Ora o regional é revelado com um olhar mais íntimo, mostrando sua força como polo de agricultura e turismo, retrato arquitetônico do Brasil, ora com um olhar preconceituoso que enxerga o regional como atrasado, protecionista e ligado às tradições. E é através dessa reflexão, da intencionalidade de sair de modelos “enlatados” e trazer recortes de singularidade, que se construiu este ensaio fotográfico.

Tanto a captura como a edição das imagens revelam o que se pretende expressar, um outro lado do regional. Fotografar significa “desenhar com luz e contraste”. É basicamente uma técnica de criação, um acúmulo de conhecimentos, mas também é oportunidade, a captura de um momento. Durante o ensaio, esses dois momentos de conhecimento e oportunidade foram trabalhados de forma a revelar novas histórias do “interior”. E como referência técnica, de narrativa e de subjetividade, optou-se pelo trabalho do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, considerado um dos mestres da fotografia em preto e branco.

2 OBJETIVOS

Um dos nossos objetivos é analisar o(s) conceito(s) de jornalismo regional e sua problemática – se este é um modelo com especificidades próprias devido ao seu contexto geográfico, econômico e social, ou se é um modelo adaptado dos grandes veículos, padronizado, enlatado. Essa problemática perpassa o uso das imagens pela mídia, sua importância para a construção da identidade do “interior”.

Segundo Martino (2010), o processo comunicacional é responsável pela especificidade das identidades de hoje. Por vezes, a cultura de um grupo pode ser inclusive negada, combatida, modificada e até mesclada aos discursos identitários midiáticos, principalmente nesse contexto de pós-modernidade, no qual os indivíduos são bombardeados constantemente por informações de diferentes fontes (família, amigos, ambiente de trabalho, mídia, internet).

Será que a mídia enlata o jornalismo a partir de recortes e imagens imbuídos de pré-conceitos sobre o que é o regionalismo? É possível o reconhecimento do interior, de sua história e cultura a partir das imagens divulgadas pela mídia? É possível um caminho diferente do proposto pelos veículos comunicacionais? Diante disso, a proposta deste ensaio fotográfico é permitir uma reflexão sobre essas questões e buscar novas possibilidades para o jornalismo regional por meio de um novo olhar, utilizando como ferramenta a fotografia.

3 JUSTIFICATIVAS

A relevância de um estudo sobre o jornalismo regional pode ser observada, em um primeiro momento, pelo enfoque dado a esta temática nos últimos anos. Peruzzo (2005) destaca que o fenômeno começou a despertar o interesse a partir do final da década de 1990, num processo paralelo à globalização. E apesar dos estudos serem iniciais, a variedade de conceitualizações dessa modalidade de jornalismo torna difícil uma definição fechada. O estudo torna-se, neste aspecto, relevante como nova possibilidade de abordagem do tema.

Neste caso, o ensaio fotográfico se revela como uma outra “possibilidade narrativa, através de uma sucessão de imagens que narram histórias” (KOSSOY, 2007, p. 90). Assim, além de um estudo teórico sobre o jornalismo regional, a fotografia, as imagens, possibilitam uma nova narrativa e análise deste fenômeno. E talvez pela maior liberdade dada à imagem, em comparação com o texto – já que essa está sob o manto da “liberdade” concedida à arte e o texto jornalístico ainda permanece sob o manto das “práticas

capitalistas”, da relação “rede-praça”, do “manual da casa” –, a fotografia, a nosso ver, possui melhores condições de “desenlatar” o regional.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O projeto foi pensado a partir do estudo de Roland Barthes, que em sua obra *A Câmara Clara*, escrita no fim da vida, em 1979, nos traz notas sobre a fotografia através de um percurso gerador de sentido. Ele coloca-se no papel de um observador de uma imagem e tenta entender as suas primeiras impressões, as emoções que uma imagem causa, por que uma imagem o motiva mais do que outras. E para analisar as imagens, desenvolve alguns conceitos: *studium* – o sentido óbvio, que se pode compreender e desvendar com um simples olhar; *punctum* – o indizível da imagem, o detalhe que atrai, ele é um ponto de vista e deve ser visto a partir do *spectator* – o observador; e o último ponto de análise é o *operator* – o autor da imagem.

A intenção com o enquadramento e o plano escolhidos no ensaio foi revelar detalhes que pudessem motivar, causar emoções, ou por sua beleza arquitetônica, pela sua beleza natural, pelo reconhecimento do ambiente ou, ainda, pelo sentimento de acolhimento que o interior proporciona. O recorte das imagens faz com que o *studium* seja suplantado pelo *punctum*, pois apesar de parecer óbvia uma ponte ou uma casa, o indizível na imagem tende a atrair e levar o *spectator* a pensar, tentar reconhecer a imagem, ir além desses detalhes e pensar o que há de diferente nesta ponte, nesta casa. E para que este reconhecimento se desse de forma individual e personalizada, para que cada um pudesse se colocar dentro da imagem, reconhecê-la como parte de seu “álbum de recordações”, optou-se pela ausência do elemento humano nas fotos.

Outro detalhe que possibilitou uma maior reflexão sobre as imagens é a ausência de cores.

Nada no mundo é em branco e preto. Mas o fato de eu transformar toda essa gama de cores em gamas de cinza me permitiam fazer uma abstração total da cor e me concentrar no ponto de interesse. (SALGADO, 2014)

O jogo de luz e sombras, texturas e contrastes, permite que o *spectator* se aprofunde na imagem para diferenciar céu e chão, chão e água. Para a criação dessa subjetividade na composição das imagens foi necessário um planejamento, não só durante a foto, mas antes, na escolha das cidades a serem fotografadas. Optou-se por cidades menores, com até 100.000 habitantes, divididas em quatro regiões – região de Franca-SP, de Ribeirão Preto-

SP, de Passos-MG e ao redor da Serra da Canastra, em Minas Gerais. Para percorrer esses lugares, foram realizadas oito viagens, totalizando mais de 2.500 km e mais de sessenta cidades fotografadas.

- 1ª viagem - Franca a Sacramento
- 2ª viagem - Franca a Ibiraci
- 3ª viagem - Franca a Jardinópolis
- 4ª viagem - Franca a S. Sebastião do Paraíso
- 5ª viagem - Franca a Passos
- 6ª viagem - Franca a Delfinópolis
- 7ª viagem - Franca ao Parque da Serra da Canastra
- 8ª viagem - Franca a São Thomé das Letras

Durante quase um ano, foram tiradas mais de 3.000 fotos com uma câmera digital da marca Canon, sem o uso de flash ou qualquer outro suporte (tripé, rebatedores, etc).

Parte deste ensaio foi exposta na Feira de Profissões da Universidade de Franca – FEPRO, em setembro de 2015, quando foi possível observar como os elementos intencionalmente selecionados agiram sobre o *spectator*. Percebemos o reconhecimento das cidades fotografadas e a curiosidade por diferenciar as texturas e sombras das imagens em preto e branco. Muitas histórias sobre as regiões foram narradas. Um momento de troca de memórias.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a FEPRO, foram selecionadas dezesseis imagens, escolhidas pela qualidade, composição luz e sombra, pelo *punctum* que a composição poderia abordar, local onde a foto foi tirada, ou seja, um resumo desses 2.500 km, tentando mostrar um pouco de cidades, de matas, de cachoeiras, de estradas. E, após uma nova seleção, foram escolhidas as doze imagens que compõem esse ensaio, também levando em conta a qualidade das imagens e a subjetividade que pode ser despertada por elas. Optou-se por selecionar imagens de doze cidades diferentes, para, dessa forma, mostrar melhor o percurso realizado, um recorte necessário para a realização de um estudo do “regional”.

Imagem 1 - Uma das principais avenidas de Franca, a Av. Alonso y Alonso, esconde uma rotatória arborizada e com uma estrutura para a passagem da água do córrego que lembra as pontes medievais.

Imagem 2 - Foto tirada na viagem Franca a São Thomé das Letras. É um restaurante que fica na estrada entre Elói Mendes e Alfenas, na entrada da cidade de Paraguaçu. Ele é um

típico restaurante mineiro, se chama “Estrada do Avião” e é muito elogiado por sua comida. O monumento fica bem em frente ao restaurante e atrai a atenção pelos detalhes.

Imagem 3 - A Usina Hidrelétrica de Furnas possui oito unidades geradoras de energia que produzem 1216 megawatts. Na época de sua construção, em 1958, era a maior obra da América Latina. São 34 municípios atingidos pela represa. São vários mirantes que colocam o visitante em uma posição privilegiada para observar o “mar de Minas”, além de ser possível conhecer parte da cidade “fantasma” só habitada por funcionários da usina.

Imagem 4 - A Matriz de Batatais, agora Santuário. A Paróquia Bom Jesus da Cana Verde é uma visita rotineira para quem é estudante em Franca, uma forma de conhecer um pouco da história da região, da força do catolicismo no interior. E essa igreja tem o diferencial de abrigar o maior acervo sacro de Cândido Portinari, inclusive com o trabalho que mostra o “azul Portinari”.

Imagem 5 – Normalmente, as pessoas que vão sentido Franca – Ribeirão Preto costumam ir pela rodovia, o que não oferece muitas belezas naturais. Mas pegando as vicinais, que cortam as fazendas de cana-de-açúcar, é possível acompanhar os trilhos do trem, ver construções coloniais abandonadas e muito, muito verde.

Imagem 6 - A praia artificial de Rifaina. Para quem é de Franca e está muito longe do mar, é a melhor opção. A água é doce e calma, existe um bom trecho de areia e várias opções de diversão e alimentação na avenida que circula essa região. A construção que aparece na imagem é um mirante e palco que a prefeitura está fazendo para incentivar ainda mais o turismo na região.

Imagem 7 - São Roque de Minas é muito conhecida por abrigar a Cachoeira Casca D’Anta, a maior do rio São Francisco com 186 metros de queda livre. Ela fica dentro do Parque da Serra da Canastra e é muito visitada. Essa imagem é da parte alta da cachoeira, que pode ser conhecida através de uma trilha de 3 km pela montanha, cerca de 2 horas de caminhada em um terreno íngreme e escorregadio, bem perigoso para quem não está acostumado.

Imagem 8 - Sacramento é uma pequena cidade próxima a Araxá e essa imagem foi tirada no Parque Municipal da Gruta dos Palhares, considerada a maior gruta de arenito das Américas. Afirma-se que possui vários compartimentos com uma profundidade explorada de 450 m, mas que não pode ser visitada por questão de segurança. É uma região marcada por muito misticismo e religiosidade.

Imagem 9 - Em São José da Bela Vista, existia uma antiga pousada e restaurante que foi abandonada por falta de turistas. É o Balneário Sete Moças, uma região agraciada pelo verde, que infelizmente há muito tempo não recebe ninguém.

Imagem 10 - Essa é a fachada da Fundação Harmonia de Artes e Conhecimentos Transcendentais. Fica no alto de um morro em São Thomé das Letras. No dia da foto, estava fechada para visitantes. É uma entidade sem fins lucrativos onde moram pessoas que querem estudar o existencialismo.

Imagem 11 - Em Vargem Bonita, existem três “praias” de água doce muito conhecidas – Praia da Criolla, Copacabana e Chinela -, com quedas d’água e muito verde. Essa ponte liga a praia da Criolla até uma propriedade particular.

Imagem 12- Essa região das águas de Minas (Delfinópolis, São João Batista do Glória e Capitólio), uma região repleta de lagos, lagoas e cachoeiras, é o contato do paulista com a água, com a calma, com o interior. Mas é também uma área muito turística que abriga opções mais agitadas, com shows, eventos relacionados a colheita, carnavais e esportes radicais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meios de comunicação, em si mesmos, não são nem bons, nem maus. São úteis, do mesmo modo que a roda, o avião ou a energia nuclear (...)
Os meios de comunicação serão aquilo que o ser humano fizer deles. Essa é a grande, a imensa, a grave responsabilidade: utilizar as potencialidades dos novos engenhos para o bem. (COSTELLA, 2001, p.43)

O jornalismo regional é uma área de inúmeras possibilidades, mas que atualmente está enlatada em modelos tradicionais de atuação. Isso se deve à imposição dos grandes veículos, a um provável medo de inovação, pois há muito a perder – credibilidade, audiência, etc. No entanto, algumas boas experiências revelam que esta especificidade de jornalismo tem muito a oferecer, trazendo novos formatos, uma maior interação com o público, uma melhor possibilidade de interação digital, além da diversidade de conteúdo, de notícias.

A fotografia se revela como uma ferramenta à disposição desses novos formatos. Por meio deste ensaio, perceberam-se as possibilidades do regional, as possibilidades narrativas, de pautas. E tornou-se possível não só reverenciar a identidade regional, como desenlatar o modelo jornalístico que é responsável por difundir essa identidade. As fotos

despertar tanto no *operator* como no *spectator* interesse, emotividade, memórias. Assim essa experiência, exposta primeiramente na FEPRO, foi tema de uma reportagem no principal veículo impresso de Franca/SP, o Jornal Comércio da Franca (conforme recorte abaixo), cumprindo parte do nosso objetivo, e agora se apresenta a Expocom, para que essa discussão tenha continuidade também no universo acadêmico.

29 de Novembro de 2015 | DOM. **12**

VIAGENS: Conhecendo o interior

A estudante de Jornalismo de Franca, Bia Indiano de 26 anos, realizou um feito inusitado, percorreu mais de 2.500km de moto pelo interior de São Paulo e Minas Gerais fotografando as cidades. Foram mais de 3.000 fotos e mais de 50 cidades que se transformaram em um Ensaio Fotográfico utilizado no projeto de Conclusão de Curso feito em dupla com o estudante Fernando P. Lima.

CF O ensaio se chama "Desenlatando o Regional", por que esse nome?

É uma proposta de brincar com a memória visual das pessoas. Percebemos que algumas regiões de São Paulo e Minas não são conhecidas ou apenas conhecidas através do noticiário, assim cria-se uma imagem preconceituosa, diferente do que é realmente a cidade. Por exemplo, São Thomé, por exemplo, é uma cidade muito agitada, com muita gente, festa, trânsito... o que não é a ideia que as pessoas fazem do local.

CF Por que as fotos são preto e branco?

Antes de escolher o que íamos fotografar e como íamos fotografar, pesquisamos alguns fotógrafos famosos, e a ideia de Sebastião Salgado nos encantou. Ele não acha que as fotos são preto e branco, mas com variadas tonalidades de cinza que revelam cor e sombra. E o preto e branco permite que você perceba melhor a imagem, sem se "distrair" com as cores. Ele sensibiliza melhor. Passa bem a ideia de interior, de fotos que você encontrava guardadas no fundo do armário da vó.

CF Quais foram às cidades que mais te marcaram? E fotografias?

São Thomé é bem diferente para quem é de São Paulo. Me marcou porque eu não conhecia bem essa região de Minas e também porque foi a primeira viagem que fiz com meu namorado, Leandro Maranhã. Outra cidade que me marcou foi Sacramento, conhecer a Gruta foi maravilhoso, o clima, o silêncio, a beleza do local. Vale a pena conhecer. E entre as imagens que eu mais gosto estão as da região da Serra da Canastra – Vargem Bonita, São Roque, etc., a água e o verde no preto e branco ficam interessantes, diferentes, surpreendentes.

CF Como foi a recepção dos moradores das cidades que você realizou o trabalho?

É muito engraçado, visitamos cidades muito tranquilas que realmente paravam ao ouvir o barulho da moto. E ficavam espantados com os dois "seres" em meio a mochilas, com uma câmera na mão. Mas logo todos paravam para nos contar histórias da cidade, nos indicar um local bonito para as fotos, uma comida típica. E o Leandro é fascinado por mapas, assim ele sempre conseguia, com ajuda de um morador, um mapa da cidade e pontos interessantes para se conhecer.

CF Pretende fazer mais viagens?

Sim eu adoro viajar, e o Leandro também. Temos muitas ideias de locais para visitar. Pretendemos mais para frente fazer uma viagem para o sul do Brasil, ir para frio. E o Leandro quer em futuro próximo sair do Brasil. Tudo em cima de uma moto!



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

COSTELLA, Antônio. **Comunicação do Grito ao Satélite**. Campos do Jordão: Ed. Matiqueira, 2001.

DUARTE, Ângela Filipa A. **Jornalismo de proximidade**: o papel informativo da imprensa local. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

KIENTZ, A. Comunicação de massa: análise de conteúdo, 1973. Retirado de e BELTRÃO, L.; QUIRINO, N.O. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Editora Summus, 1986, pg. 120 – 124.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia** – entender a história da imagem para entender a nossa história. Cotia: Ateliê. Editorial, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e Identidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

MELLO, Isabelle Anchieta. **Um jornalismo de proximidade**. 03/04/2007. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/um-jornalismo-de-proximidade/>. Acesso em 24/05/2015.

PERUZZO, Cicília. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo. Umesp, vol. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

VINICIUS, Marcelo. **Por trás das fotografias de Sebastião Salgado**. Portal Obvious. Disponível em http://lounge.obviousmag.org/cafe_nao_te_deixa_mais_cult/2014/04/por-de-tras-das-fotografias-de-sebastiao-salgado.html. Acesso em 05/11/2015.